

O JOGO

Vera do Val*

A chuarada caiu repentina e a praça esvaziou depressa. Mas era daquelas chuaradas que despencam sem mais nem menos, de repente o céu fica preto e ela desaba estrondando, sem conversa fiada, espanta desocupados, relampeja, ronca grosso e do mesmo jeito que chega vai. O povaréu correu, a roda embaixo do oiti grande dispersou-se. O alvoroço era geral. A chuva interrompera o jogo de dominó com o tal de Zé e a coisa não podia ficar assim. O enxerido já tinha ganhado duas vezes contra duas do velho Antenor. Aquela era a negra, estava marcada de véspera, tinha expectador, torcida e tudo. Ufanavam-se por Antenor ser o campeão da praça e das redondezas e de onde vinha aquele abestado a lhe fazer frente?

A notícia da negra correra de boca em boca, era assunto dos botequins, conversa de banca do mercado, das peixarias, de povaréu miúdo que levava a vida por lá. Até na igreja a notícia corria. As beatas tinham puxado um terço, diziam que o padre havia dado uma palavrinha com Deus e arrancado Dele uma promessa de proteção. Antenor era uma unanimidade. No puteiro ele também tinha sua torcida. Contava-se que Ermelinda, uma fulaninha nova e empertigada, tinha dito que era hora do velho tomar um tranco. Foi só dizer e apanhar. Antenor era freqüentador antigo, dono de fã clube ali. Indignadas com aquela saúva que era chegante e metida a sabida, as mais velhas deram-lhe uma corrida e ela acabou por se encafuar no quarto, passando bem dois ou três dias ressabiada e sem meter o nariz para fora.

O homem tinha a cidade do seu lado.

Antenor morava com a filha. Viúvo, Dona Arminda morreu cedo, mulher trabalhadeira e gentil, fora o primeiro e único amor do marido e o deixara inconsolável. Era sapateiro e isso acabou por ficar fora de moda, serviço mesmo era raro, pois hoje em dia essa gente não conserta nada, joga fora, tempo de se querer tudo novo e luzindo, lugar de coisa velha é lixo. Dos bons tempos Antenor salvara a casa pequena, ainda fazia uns trocados que complementavam a aposentadoria miserável e permitiam ir tocando a vida como podia. Tinha uma saúde de ferro, alto e seco de carnes, um andar empertigado e ainda trazia os olhos amorosos, de longas pestanas que haviam seduzido Arminda. A filha única, Teresa era viúva também, funcionaria pública, não tinha filhos nem nada que a prendesse ou atrapalhasse. Vivia num apartamento

pequeno de dois quartos, em cima de uma loja, na rua lateral da praça; era a pouca coisa que o marido havia lhe deixado, um mulato rixento que tanto armou nessa vida acabando por morrer de faca nas costas em noite de bebedeira. Teresa chorou e esgoelou pelo finado, que afinal o homem era ruim, mas era dela, de cama lhe servia bem e com fartura. A mesa ela remediava com o dinheiro da repartição, mas na cama não tinha jeito, era feia e desengonçada, já fora um milagre ter achado marido, agora, depois de velha, com os peitos lhe servindo de avental não era mais hora dessas alegrias. No tempo do marido vivo ele costumava chegar pela madrugada, bêbado, subia a escada aos trambolhões, nem sabia direito onde se metia. Teresa aproveitava e se regalava de gozo. Com isso acabado e enterrado ela precisava de alguém para aporrinhar e tratou de trazer o pai pra casa. Onde já se viu morar sozinho nessa idade, ela ali com quarto de sobra o que não se iria falar? Falar se fazia sim, naquelas redondezas se falava o que se sabia e inventava o que não se sabia; diziam à boca pequena que Teresa estava cansada de esperar, na verdade queria mesmo é passar nos cobres a casa do pai que com aquela saúde toda ameaçava chegar aos cem anos. Tanto ela falou e azucrinou que Antenor, meio sem jeito, acabou preferindo aceitar morar com a filha que agüentar o falatório dela. Arrumou os trens despediu-se do cachorro vira-lata, companheiro das suas lidas que cachorro era demais para Teresa, tenha dó pai. Dona Matilde, a mulher da quitanda aceitou o bicho, andava precisada e Antenor mudou-se de mala e cuia para o tal de apartamento. Mais que depressa Teresa vendeu a casa do velho, embolsou os cobres, está na poupança, pai, para uma hora de precisão.

Em pouco tempo Antenor arrependeu-se que não era homem de gaiola. A filha começou a tutelá-lo, vomitar regra, era hora disso e hora daquilo, olha a sujeira na cozinha, roupa suja é no balaio, não deixa a luz acesa, pai, as coisas estão pela hora da morte. Tanto certo e errado que a cabeça dele zoava. Mas o caminho era sem volta, do dinheiro da casa não sabia nem a cor, a aposentadoria era mirrada e não era mais tempo de aventura. Sorte dele que ela trabalhava o dia todo e ele ficava solto, livre da apoquentação.

Mal Teresa saia o velho ia para baixo do oitizeiro grande; sua vida era lá, até a mesa de armar ele tinha arrumado, presente de um admirador. Dali imperava na praça. Era rei sem coroa, herói de pobre, não tinha pedrisco naquelas bandas que não soubesse que seu Antenor era o grande campeão de dominó. Era respeitado. Cantava de galo na roda de velhos, cada um tão mal arrumado na vida quanto ele, bando de

mal paridos que nada mais tinham a fazer do que ficar ali ao sol, vigiando o mundo. Um dia brigavam entre si, era ciúme, outro dia, irmanados nessa desesperança de velho, acabavam por se abraçar, um sabia da agrura do outro, o que lhe doía na alma e chorava nos ossos. Seu Antenor era o ídolo, não perdia uma, era zaz trás o velho tinha cabeça, louvavam-lhe os bons olhos, a memória privilegiada, as mãos rápidas em colocar a pedra certa, o tino para acuar adversário. Quando algum desconhecido aparecia e se atrevia a desafiar o velho eles se cutucavam, se juntavam em risinhos e olhares cúmplices tangendo o desinfeliz para o oitizeiro grande e lá esperavam Seu Antenor. Era uma sentada só. No silêncio até voar de besouro se ouvia, o homem se concentrava, olhava firme para o desafiante e lia nele escrito na cara a pedra guardada, o segredo escondido. E não dava outra, em menos de dez minutos, coroados pelos aplausos da sua corte desdentada, ganhava a partida, sem lero nem meio termo. Aí se ufanava! Era importante! Sob aplausos discutia as jogadas, levava palmadinhas nas costas, parabéns, impava de orgulho. Nessa hora ele crescia, virava gente, tinha nome e sobrenome Antenor da Silva, se destacava, era grande, campeão. Naquele batalhão de desvalido ele era o rei, recolhia os louros e respingava sua importância em todos eles que se sentiam como fossem reinventados.

A alegria ia esparramando até se aproximar a hora de Teresa chegar em casa. Então Antenor arremetia para o apartamento que estava cansado da cantilena se ela o encontrasse por ali. Onde já se viu um velho nessa idade passar o dia vadiando, metido com essa gentinha que não tem onde cair morta? Ele que se desse ao respeito que ela não estava ali para passar vergonha, Dona Arminda se soubesse disso sentava na cova e haveria de sofrer e chorar, tinha sido uma mulher séria a vida toda e não estava agora para o marido se comportar assim. A praça era lugar de vadio, de gente amalucada que não tinha para onde ir e nem sabia de onde vinha. Um bando de sem eira nem beira, nada a fazer nessa vida. Pai dela não era para isso, ele que achasse serviço, limpasse alguma coisa, fosse passear na beira do rio, fizesse umas amizades decentes, a casa estava cheia de revista, a televisão, porque ele não se acomodava? Antenor ia diminuindo na cadeira até se transformar em pó de traque. Duas ou três vezes ela achou a caixa de dominó do pai e deu fim rapidinho. Ele nem suspirou que sabia que ia ser pior, abaixava a cabeça calado, fechava-se como caramujo, que ela nunca ia entender mesmo. Sentavam-se no sofá e lá iam os dois, ela vendo as novelas ele cabeceando de sono.

O tal de Zé surgira do nada, mulato bem fornido e atarracado, alguns diziam que era embarcado, não era daquelas bandas. Tinha um riso escancarado onde luziam dois dentes de ouro, um jeito de sabe-tudo, falava alto, gesticulava. Logo que chegou encostou a barriga no balcão do boteco e vangloriou-se que era invencível, jogo de dominó era com ele, bateu no peito e cuspiu debochado quando lhe falaram de Antenor, que o velho não lhe dava nem para o cheiro. Foi discussão de mais de hora, os velhos ficaram ofendidos, e despencaram o desafio.

A sorte estava lançada.

A primeira Seu Antenor levou, era melhor de cinco. A segunda ele também levou e cresceu. Na terceira a coisa começou a ficar feia, o tal Zé foi sorrateiro, naquela de quem não quer nada e acabou por papar a partida. Foi um silêncio danado. Antenor sentiu um frio na barriga. Suspense geral. Na quarta ele viu a viola em caco. O abestado levou e levou ligeiro. O público ficou sem fala, o herói deles estava ameaçado. Mas era chegada a hora de Teresa e a negra ficou para o dia seguinte. Zé ainda riu, fez pouco caso, achou que era covardia. Que se resolvesse tudo ali, de imediato que história de dia seguinte era essa? Saiu arrotando grosso, mas enfim, era minoria.

Antenor foi para casa e aquela noite não dormiu. Sequer ouviu a cantilena da filha que desfiava o rosário diário. Alheado sentia-se a balançar. Parecia-lhe estar solto no ar, sem lastro, vôo cego, passarinho sem guarita. Foi para a cama, mas revia as jogadas na cabeça, pensava e pensava e tornava a pensar. Uma hora lhe pareceu ver o Zé, imenso, saindo da parede com a boca escancarada na risada do deboche. Antenor em calafrios amiu-se. Na visagem a boca foi aumentando e de repente não havia mais Zé, só uma boca gigantesca, pantagruélica e vermelhaça, a língua tremelicando, os dentes de ouro luzindo e cuspidos as pedras do jogo uma atrás da outra. Elas iam despencando, voando pelo quarto, batendo nas paredes como se estivessem vivas, soterrando Antenor, lhe fazendo cova em vida, pedra e mais pedra e Teresa vestida de roupa de circo saindo da bocarra, de chicote em punho, rindo tresloucada e repetindo a ladainha Suando em bicas Antenor viu o dia raiar e não tinha pregado o olho.

Nem bem o aguaceiro tomou outro rumo, a enxurrada correu pelos bueiros, o céu já de novo azul e o sol pipocando, os habitantes começaram a voltar. Foram se

espalhando pelos cantos, cada um tinha seu espaço cativo. Para baixo do oiti grande Seu Antenor veio arrastando a mesa de armar, um olho na sua torcida, o outro no adversário. O safado vinha chegando, com cara de desprezo, como se Seu Antenor fosse titica para ele. Os olhos do velho ardiam, o coração pinoteava, as tripas davam nó. Sabia que era independência ou morte, via o olhar dos amigos, esperança e o medo, tudo misturado, uma mixórdia de sentimentos. Acomodou-se na cadeira, olhou em volta devagar, lá estavam todos. Dona Marlene da pensão, quem diria até ela toda elegante, Seu Jerú tinha largado o balcão, a molecada do colégio, Dona Dora, com o terço na mão, tinha até arrastado o padre com ela, que nessas horas vale tudo e o vigário era quase da família. Até as putas engrossavam a torcida. Foi aí que Seu Antenor cresceu. Estufou o peito, pariu uma coragem que não tinha, ela veio espremida, mas veio. Que era velho ele sabia, mas velho não era lixo, nem carta fora do baralho. Havia de mostrar ao enxerido que ainda usava calças, que no império dele ninguém triscava. O tal de Zé sentiu o clima e tratou de parar de bazófia, percebeu que a coisa era feia. Um suspiro fundo veio rolando da platéia. Era chegada a hora.

Tudo aconteceu tão depressa que nem dá gosto de contar. Podia-se cortar o silêncio com faca de tão denso que ele era. Era um silêncio tão forte que se passarinho voasse nele ficava de asa quebrada; se duvidar muito ali ninguém nem respirava.

Zaz trás, sem fricote Seu Antenor foi papando, o Zé botava sua pedra o velho matava em cima. Uma, duas, três, seu Antenor lapt... Quando se viu tinha acabado. o povaréu nem acreditava, precisou de uns dois minutos para explodir em palmas, risos e faniquitos.

Carregaram o velho nas costas, igual jogador de bola. Mas aquilo era mais forte, era uma risadona de alma, uma lavada de honra, um botar prumo no mundo. Não havia ninguém ali que não se sentisse resgatado e vingado, fosse do que fosse, que nesta vida motivo de vingança não falta. Seu Jerú abriu o barracão do fundo do armazém, e o povo espalhou-se. Cerveja para comemorar era o que mais tinha, até uns bolinhos apareceram na hora. Brindes e mais brindes, Seu Antenor no lugar de honra era paparicado, o padre do seu lado direito, e a dona do puteiro do outro. Do tal de Zé nem cheiro que o fulano escafedeu sem ninguém nem ver, e também não fazia falta. Foi quando Teresa chegou. Vinha vermelha e esbaforida, onde está aquele velho safado que ainda me mata do coração.

Seu Antenor viu a filha chegando e já abrindo a boca pra romper na cantilena. O velho ainda teve um titubeio, pelo rabo do olho percebeu que todos o olhavam. Foi então que se levantou impávido colosso, engrossou a voz e, antes dela dizer um a, soltou um bravo e heróico grito retumbante:

- Teresa, foda-se.

* Vera do Val. Escritora. Paulista, radicada na Amazônia. bacharel pela Faculdade Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Principais livros publicados. Águas Rubras. O Imaginário da Floresta (Martins Fontes, 2007) e Historias do rio Negro (Martins Fontes, 2007).